

---

## *Religião e política: o caso dos Monges Barbudos (Rio Grande do Sul, 1935-1938)*

*Fabian Filatow\**

---

**Resumo:** O artigo trata do Movimento Messiânico dos Monges Barbudos que ocorreu em Soledade, Rio Grande do Sul (1935-1938). Apresentamos o desenrolar de sua história, analisando sua origem, a qual se encontra atrelada à figura mítica do monge João Maria, o qual teria profetizado o início da nova religião quando de sua visita ao município, bem como seu trágico final, o confronto ocorrido entre os membros do grupo religioso – acusados de serem comunistas e agentes subversivos – e soldados da Brigada Militar.

**Palavras-chave:** Messianismo, Rio Grande do Sul, Monges Barbudos.

**Abstract:** The article is about the Movement Messianic of the monks *barbudos* that happened in Soledade, Rio Grande do Sul (1935-1938). We present this history, analyzing the origin, which is connected to the myth of the monk João Maria, who predicted the beginning of the new religion when he visited the city, and the tragic confrontation that happened among the members of the religious group, accused of being communist and subversive agents, and soldiers of Brigada Militar.

**Key words:** Messianism, Rio Grande do Sul, Monks *Barbudos*

---

### **O Ambiente: Soledade na História**

O acontecimento dos Monges Barbudos, movimento messiânico ocorrido em Soledade, Rio Grande do Sul, entre os anos de 1935 e 1938, não pode ser analisado como um caso isolado, no Brasil. Relembrando os movimentos messiânicos que o precederam, tais como os Mucker, Canudos, Contestado, entre outros, qualquer agrupamento de pessoas que apresentasse alguns traços religiosos diferentes da religião oficial era logo apontado como reunião de fanáticos, e sendo assim, um grupo que se apresentava perigoso à sociedade. A utilização das lembranças/memórias dos acontecimentos de Belo

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Monte, principalmente, e de outros movimentos não deve ser desprezada ao se estudar o movimento de Soledade. Ainda mais neste momento significativo que vivenciou o país, a instauração do Estado Novo, e todo o processo que o precedeu.

Antes da ocorrência da eleição presidencial marcada para 1937, ocorreu o golpe do Estado Novo, em 10 de novembro do mesmo ano, com o qual foi lançada ao Brasil uma nova constituição.

Mas o golpe não se sucedeu sem um motivo. Ao longo da década, podemos presenciar a construção de um inimigo, o comunismo. Seus malefícios eram amplamente divulgados. Neste período, a propaganda anticomunista funcionava como um verdadeiro bálsamo, aplicável para todas as “enfermidades da nação”. Nesta “cruzada brasileira” se encontravam os discursos do próprio Getúlio Vargas, dos seus ministros, da Igreja Católica e da Ação Integralista Brasileira. A qualquer instante e oportunidade, o perigo comunista era apontado como causador das agitações sociais existentes no decorrer dos anos 30. Os principais setores da sociedade que deveriam ser defendidos das garras comunistas eram: o operariado, a família e o ensino. Pois, segundo a propaganda anticomunista, o comunismo desejava materializar o operariado (greves), destruir a família (divórcio) e laicizar o ensino (fim do ensino religioso)<sup>1</sup>.

Vejamos qual era o cenário mais imediato. No âmbito nacional, o ano de 1935 torna-se uma data símbolo, devido à ocorrência da Intentona Comunista, acontecimento chave para o desenrolar dos acontecimentos vindouros. Não é nosso objetivo aprofundar exaustivamente os pormenores dos ocorridos de 35, mas nos ateremos a sua utilização e seus reflexos na vida social e política do país.

O inimigo nacional tornou-se real, palpável, estava evidente, claro e habitava entre a população brasileira. Havia agora um ponto materializado para o qual se poderia apontar. Não era mais um perigo distante, um espectro simplesmente.

Tal acontecimento foi utilizado para legitimar a “necessidade” da instauração do Estado Novo. Os ocorridos foram apresentados em discursos que exigiam uma atitude frente à ameaça comunista, e a resposta para a salvação da nação foi apresentada no golpe de novembro. Além de se oferecer como data salvacionista, apresentava-se como a retomada dos ideais da Revolução de 30.

Ao longo da década de 30, o discurso do perigo comunista foi amplamente propagado, contribuindo para o desenvolvimento de uma campanha anticomunista, levada adiante por diversos setores da sociedade. Será justamente nesse ambiente que encontraremos a ocorrência do Movimento Messiânico dos Monges Barbudos.

Reduzindo nosso campo de análise para os anos da ocorrência dos Barbudos (1935-1938), temos alguns acontecimentos que se tornam significativos para uma posterior interpretação sobre os fatos que envolveram os membros do movimento religioso e os soldados da Brigada Militar.

Inserido em um contexto nacional turbulento, década de 30, iremos encontrar o município de Soledade mergulhado numa agitação política de significativa relevância, a Revolução Constitucionalista.

O ano de 1932 foi marcado pela Revolução Constitucionalista de São Paulo. Esta teria defendido a causa da constituição e da redemocratização do país. Não avançaremos numa discussão aprofundada sobre o tema, visto haver inúmeros trabalhos que versam sobre o assunto.<sup>2</sup> Nos ateremos à guerra constitucionalista fora do estado paulista, ou seja, a Revolução Constitucionalista em Soledade.

O município ocupou um lugar de destaque no ocorrido de 32. Personalidades da vida política gaúcha envolveram-se com a causa paulista, segundo Jeziel de Paula “... mesmo que em 1930 Borges de Medeiros [...] e Raul Pilla, [...], estivessem unidos na Aliança Liberal, em 1932, estariam estas personalidades gaúchas do lado dos paulistas” (Paula, 1998, p. 230).

Segundo o autor, os primeiros passos dados pelos descontentes com a Revolução Liberal de 1930 foram dados no Rio Grande do Sul. Em 1931, Borges de Medeiros enviou uma carta ao chefe do Governo Provisório e alertou sobre os perigos da continuidade indefinida do regime de exceção. Neste documento apontava os erros e desvios da ditadura e passava à fórmula política para solucioná-los: o cumprimento do Programa da Aliança Liberal, eleições e Constituição, pontos que foram defendidos pelos revoltosos de Soledade. Os partidos Republicano e Libertador, arquiinimigos históricos, mas que já se encontravam unidos na Frente Única do Rio Grande do Sul, promoveram uma campanha em favor do fim da “provisoriidade” do governo de Vargas (Cf. Paula, 1998, p. 245).

No Rio Grande do Sul, o município de Soledade se articula em defesa da constituição e da democracia nacional. Soledade se posiciona favorável à causa paulista e lança o seu manifesto ao povo gaúcho:

#### **Manifesto ao Povo do Rio Grande do Sul**

A terra heróica de Soledade, atendendo à voz dos Partidos Republicano e Libertador e honrando suas tradições, levanta-se hoje de armas na mão pela restauração da ordem do regime legal no Brasil.

Estamos com uma Brigada de um efetivo superior a mil e quinhentos homens armados, cheios de ardor e fé cívica, para sustentar ao lado de outros municípios que, como o nosso, se acham empenhados

no movimento revolucionário constitucionalista, a palavra de honra do Rio Grande!

Os compromissos assumidos pelos Chefes eminentes Borges de Medeiros e Raul Pilla, que representam a totalidade da população riograndense, é que nos levaram a lutar ao lado do heróico povo de São Paulo, nesta memorável jornada cívica, contra uma ditadura funesta e nefasta aos destinos da nacionalidade ...

Soledade, 1º de setembro de 1932. (Paula, 1972, p. 26-29).

O governo enviou tropas da Brigada Militar para combater os revoltosos soledanenses, confronto que se deu às margens do rio Fão e ficou conhecido como o *Combate do Fão*.

Todo o desenrolar deste conflito dura pouco tempo, mas as repercussões não. Somos levados a acreditar que, mesmo com a vitória de Vargas, Soledade representou uma divergência frente ao projeto do governo. Poucos anos após, a região seria palco de um novo movimento, agora com traços religiosos, e tornaria a ocupar lugar de notoriedade nos confrontos de 1938. Será neste contexto que nos depararemos com os Monges Barbudos.

## O Movimento Messiânico dos Monges Barbudos

Por volta de 1935, teria passado por Soledade um monge, profetizando o início de uma nova religião. Este profeta, como ficou conhecido na região, teria pernoitado na casa de André Ferreira França, conhecido como Deca. Segundo Valdemar Cirilo Verdi, Deca não era natural de Soledade, seria oriundo de Cachoeira do Sul e teria chegado na região de Soledade por volta de 1894, estabelecendo-se no local conhecido como Campestre (Cf. Verdi, 1987, p. 93). Segundo consta, Deca era analfabeto e pertencia a uma família de algumas posses, mas teria deixado tudo para se tornar um dos líderes dos Monges Barbudos, aceitando a missão que lhe foi confiada pelo monge andarilho, quando de sua visita ao município.

Era o mês de novembro de 1935. Um andarilho pernoitou na casa de André Ferreira França. Em troca da hospitalidade, o andarilho ensinou-lhe a arte e o segredo das ervas medicinais. Ter-lhe-ia também ensinado outras utilidades da natureza, chamando a atenção para a nobreza do sol, dos rios, da lua, das matas... Alertou sobre os males do fumo plantado por colonos e guardado dentro de casa para secar. Tendo permanecido breve temporada, ao final das lições e ensinamentos, o andarilho apresentou-se como João Maria, ou o santo monge João Maria, [...], assegurou que Deca França havia sido escolhido para uma missão divina. Deveria escolher uns amigos para fundar uma seita de eleitos. (Verdi, 1987, p. 93.).

A casa de André Ferreira França teria se tornado um local de reunião religiosa. Grande número de pessoas começaram a freqüentar as reuniões organizadas por ele. Nestas, as pessoas se encontravam para rezar e aprender sobre os usos e os benefícios das ervas medicinais. Esse fato tornou Deca indesejado, atraindo sobre si o ódio de muitas pessoas da localidade, que não aceitavam na crença por ele liderada, gerando conflitos. Deca passou a ser perseguido a tal ponto de ter que se esconder, fato que explica sua ausência na capela em Bela Vista na Sexta-feira Santa, 14 de abril de 1938, quando ocorreu o confronto com os soldados Brigadianos.

Após tal confronto no então sexto distrito de Soledade, Deca resolveu se entregar. Na casa de um dos membros do movimento, José Crispim, espera a chegada da polícia. Ao chegar o destacamento militar, Deca é morto a tiros. Seu corpo foi lançado numa cova, a qual permaneceu vigiada por policiais, pois esses temiam que os fiéis viessem para desenterrá-lo, pois havia a crença de que Deca não morreria, e se isso ocorresse, ressuscitaria.

Um segundo líder do movimento é Anastácio Desidério Fiúza (conhecido como Tácio). Assume a liderança do grupo religioso frente à perseguição imposta a Deca, obrigando-o a ausentar-se do comando do movimento. Foi Tácio que esteve à frente dos fiéis na Semana Santa, na capela de Santa Catarina, em Bela Vista. No confronto ocorrido, Tácio foi baleado, ferimento que o levou à morte em 15 de abril de 1938. (Cf. Verdi, 1987, p. 98)

Na região do planalto médio gaúcho, a plantação e o tratamento do fumo ocupavam significativa parcela da atividade econômica. O fumo teria sido indicado pelo monge como prejudicial à saúde (pois muitos dos soledanenses guardavam o fumo no interior de suas residências), fato que desagradou os comerciantes da região, que compravam a produção de fumo dos agricultores.

Entre as crenças da religião dos Barbudos, havia a espera da vinda do “salvador” – o qual não se encontra nomeado, mas havia a crença de que João Maria estaria a seu lado - a qual estava marcada para a Semana Santa de 1938, no local conhecido como Bela Vista, então sexto distrito de Soledade, na capela Santa Catarina. Foi este o motivo que atraiu grande multidão para a localidade, a tal ponto de alarmar alguns moradores que chamaram a polícia, acarretando no confronto entre os Monges Barbudos e soldados da polícia.

Complementando esta espera, temos a crença de que com a vinda do salvador, tudo seria reordenado, ou seja, os que pertenciam e tinham aceitado os ensinamentos da religião, tornar-se-iam donos de todas as coisas na Terra e seriam salvos. Destino contrário era esperado para os incrédulos.

Referente à questão do trabalho, não há uma unanimidade entre os relatos dos que se posicionam favoráveis ou contrários aos monges e ao

movimento. Alguns declaram que os Monges Barbudos não trabalhavam, pois acreditariam que todas as suas necessidades seriam providas dos céus. Outros apontam que trabalhavam sim, mas produziam somente o suficiente para si e para os membros do grupo.

A respeito deles espalhou-se a idéia de que eram comunistas, acredito que talvez isto tenha se gerado primeiro pelo parco ou nenhum conhecimento sobre o que realmente significava ser comunista, e devido às propagandas anticomunistas divulgadas, e apoiando-se ainda na questão da terra, que seria de todos. Para complementar a idéia de serem comunistas, havia o aspecto da diminuição do trabalho. Atentamos para a questão de que o trabalho é o cerne da propaganda do projeto de modernização do país, neste período.

Neste sentido, o Movimento dos Monges Barbudos foi duplamente excluído, seja no âmbito religioso, seja no âmbito político. No primeiro, não se encontra inserido na dita religião oficial (Católica). No político, está à margem do projeto modernizador que se estava instalando no Brasil ao longo da década de 30. Tal projeto modernizador tem o objetivo de obter o progresso. Para atingi-lo é necessário permanecer dentro da ordem. Assim, os monges de Soledade são alvos da propaganda anticomunista muito em voga neste período; esta gerou um imaginário anticomunista, tornando todos os “indesejáveis” ameaças à nação. Estes eram associados a agentes da ideologia estrangeira. Ou seja, tudo e todos que não se enquadravam nos moldes do novo projeto foram tratados como inimigos, sendo até considerados como não brasileiros. Neste cenário de idéias confusas sobre o que seria um comunista e o que defendia esta idéia, os Monges Barbudos sofreram as conseqüências.

Sobre os Barbudos havia ainda acusações de serem pessoas que atentavam contra a moral e a família, bem como contra a Igreja, setores tidos como vigas mestras de sustentação da nação e defendidos pela religião oficial.

A respeito destas acusações temos o relato do Frei Clemente de Nova Bassano, então vigário da Paróquia Nossa Senhora da Soledade, em Soledade:

Este ano foi um pouco agitado (1938) ainda em relação às autoridades e ao vigário, em relação aos chamados Monges do sexto distrito. [...] É de se notar que os vigários foram os únicos que se interessaram para melhorar a sorte destes pobres coitados que só merecem compaixão. Foram acusados de comunistas, mas nada foi descoberto de tudo isso, até hoje. [...]. O que se descobriu em parte é que alguns que hoje não existem mais, teriam abusado da boa fé e canduro, ou digo melhor, da simplicidade deste povo da serra, o qual é religioso ao extremo, até a superstição, e de tê-los desviado de alguns princípios religiosos.

igrejas, as coisas sagradas, aos santos, aos sacerdotes e à moral da família, do lar, e tão pouco desrespeitassem as famílias vizinhas.<sup>3</sup>

Na Semana Santa de 1938, uma grande multidão se deslocou à capela de Santa Catarina. Os moradores e bodegueiros (donos de pequenas casas de comércio) do distrito ficaram temerosos ao perceberem a chegada de inúmeras pessoas, pois como já era conhecida a crença de que “tudo seria de todos”, recearam perder suas propriedades e/ou posses.

A fim de obterem segurança, os comerciantes acionaram a força policial da localidade de Sobradinho, por ser a delegacia mais próxima. Como o número de policiais era insuficiente, foi solicitada a presença de tropas brigadianas oriundas de Porto Alegre, Santa Maria e Passo Fundo. O final deste encontro fatídico é retratado no relatório apresentado ao Sr. Comandante Geral da Brigada Militar pelo então major José Rodrigues da Silva, sobre os acontecimentos ocorridos no município de Soledade, com o surto de “fanatismo religioso” praticado por elementos que se tornaram conhecidos por Monges Barbudos:

O número de adeptos, de proporções alarmantes, e Tasso [Anastácio Fiúza] determinou uma reunião e marcha para o lugar denominado Bella Vista, onde existe uma igreja de que é padroeira Santa Catarina. Essa reunião efetuou no dia 12 de abril deste ano e a chave da igreja foi obtida mediante ameaças ao encarregado daquele templo. Tendo a população de Bella Vista, alarmada, pedido socorro às autoridades de Sobradinho, o delegado de polícia, Sr. Antônio Pedro Pontes, para lá se dirigiu acompanhado de praças do destacamento daquela cidade. Surpreendidos com a força, os fanáticos fizeram alguns disparos de armas curtas e a Força também fez uso de suas armas, ferindo o chefe Tasso, que veio a falecer logo depois. Foram presos também 10 fanáticos que foram remetidos para Cachoeira e mais tarde postos em liberdade. Morto Anastácio Fiúza e, apesar de batidos em Bella Vista, os fanáticos conduziram o cadáver para o lugar denominado “Rincão dos Bernabés”, no 5º Distrito de Soledade, e ali o conservaram insepulto durante quatro dias, isto é, até o dia 17 de abril, na estulta crença de que o morto ressuscitasse. Em torno desse prolongado velório reuniram-se mais de 500 pessoas. De tal reunião e desobediência as regras da lei foram avisadas as autoridades de Soledade, que fizeram seguir imediatamente para o local uma Força do destacamento da Brigada. A Força, ao aproximar-se daquele enorme aglomerado de povo, foi recebida com tiros, fazendo também uso de suas armas, resultando a morte do fanático Benjamin Garcia e ferimento no soldado Oswaldo dos Santos e no fanático Marcolino Alves da Costa. A força efetuou a prisão de 104 fanáticos, entre os quais figurava Maria Candida Ferreira de Camargo, a Santa Catarina.<sup>4</sup> [sic]

A presença das “santas” configura-se em um dado relevante para compreendermos o movimento. Os Barbudos eram devotos das santas. Essas desempenhavam papel de grande importância no seio do movimento, pois não eram apenas imagens, estavam entre eles, eram de carne e osso. Ou seja, Santa Catarina estaria viva na pessoa de Andreza Gonçalves,<sup>5</sup> que segundo Henrique Kujawa (2000, p. 57), era sobrinha de Deca, e Santa Teresinha estaria presente na pessoa de Idarsina da Costa (Cf. Verdi, 1987, p. 101-105).

Segundo consta, eram ambas jovens e belas, e tinham, em 1935, respectivamente, 18 e 15 anos. Eram veneradas como santas, tendo destaque na vida religiosa dos Barbudos. Elas sofreram perseguições e violências. Ambas foram presas em 1938, recebendo inúmeras humilhações.

Assim como seu surgimento é incerto, envolto por lendas, misticismos e credências, também seu final está envolvido em muitas lacunas. Acredito que o período em que se sucederam os acontecidos do movimento contribuiu para o trágico final. Imersos num imaginário anticomunista, o medo contribuiu para tamanha violência, já que o relato do major José Rodrigues não apresenta motivos contundentes para tamanha repressão imposta aos monges. Analisaremos adiante algumas fontes oficiais no desejo de obter resposta para a atitude tomada.

## Representações do Sagrado

A expressão religiosa é uma das maneiras pelas quais podemos “ler” as contestações e as reivindicações dos membros que compõem o movimento. Pela via religiosa, tentam romper com a ordem vigente, vislumbrando outra realidade, outra possibilidade, que é futura. Tais contestações, norteadas pelo religioso, encontram-se atreladas à realidade social vivenciada pelos sujeitos da religião; logo, o movimento messiânico está interligado à realidade social, sendo uma forma de expressá-la.

Na dissertação de mestrado por mim defendida, dediquei uma parte ao retrospecto da figura taumatúrgica de João Maria, o monge considerado santo e fazedor de milagres, presente no sul do país. Analisei igualmente sua função sócio-religiosa e realizei uma interpretação através das representações do sagrado. Estas representações contribuem para uma melhor compreensão do movimento, visto serem elas que dão sentido ao mesmo (Cf. Filatow, 2002, p. 79-88ss).

Partindo da compreensão de que as representações “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (Chartier, 1990, p. 17), devemos compreender as representações do sagrado no âmbito do Movimento dos Monges Barbudos. Faz-se necessário relacionar o signo visível



ao seu referente por ele significado (ibid., p. 21). Estaremos, assim, utilizando o conceito de representação no sentido de representar algo ausente, ou seja, *algo que está no lugar de*. Assim será possível adentrarmos no mundo religioso do movimento, contribuindo significativamente para compreendê-lo.

A figura do monge João Maria está atrelada a diferentes movimentos, tais como Contestado, Monges de Pinheirinho (ocorrido no ano de 1902, em Encantado, RS), além do movimento aqui estudado. Ficaremos circunscritos a apresentar a “presença” de João Maria no Movimento dos Monges Barbudos e sua divulgação em Soledade.

As primeiras notícias a respeito do monge nos remetem ao século XIX, em Sorocaba, São Paulo. No livro de registro temos:

Fr. João Maria d’ Agostinho, natural de Piemonte, Itália, idade de 43 anos, solteiro, profissão de Solitário Eremita [...]. Declarou residir nas matas do Termo desta cidade, muito principalmente na do morro da Fábrica de Ferro de Ipanema, e ter chegado no dia 24 de dezembro de 1844. Veio do Rio de Janeiro, onde chegou do Pará, no vapor Imperatriz, em 19 (ou 29) do mês de agosto do presente ano de 1844. [...] estatura baixa, cor clara, cabelos grisalhos, olhos pardos, nariz regular, boca dita (?), barba cerrada, rosto comprido. Sinais particulares: aleijado dos três dedos da mão esquerda (Fachel, 1995, p. 15.).

Segundo Oswaldo Rodrigues Cabral, “João Maria, vestia um hábito, [...] tinha cabelos compridos e a barba longa. Dormia sobre uma tábua e alimentava-se de frutos, [...]. Às vezes, na calada das noites, em sua gruta, entoava a plenos pulmões os seus salmos e as suas orações...” (Cabral, 1960, p. 108-109).

Tais descrições oferecem dados para a construção de imagens que se tem dos “santos” medievais. Contribui para isso o uso do hábito (está associado ao sagrado, vestimenta repleta de significado religioso), do cabelo comprido e barba longa, e finalmente, para completar a figura do “santo”, temos que habitava uma gruta, dormia sobre uma tábua e alimentava-se de frutos (podemos associar, aqui, a natureza com pureza).

Em Sorocaba, realizavam-se as feiras. Em consequência desta atividade - transporte de animais e erva-mate, principalmente - construiu-se o itinerário das tropas, ligando São Paulo e o Rio Grande do Sul:

Dentro desse contexto, onde se cruzavam camponeses, peões, tropeiros e operários, o Monge João Maria d’ Agostinho, do alto do Araçoiaba, atraía inúmeros visitantes. Uns por curiosidade,

outros em busca de lenitivos espirituais ou materiais para seus males. Da Pedra Santa ou Pedra do Monge corria uma fonte de água límpida e que passou a ser considerada como milagrosa (Fachel, 1995, p. 16 -18)

O monge permaneceu pouco tempo em Sorocaba. Seu desaparecimento está envolto em credices, superstições e fatos descontraídos. Retirando-se de São Paulo, foi reaparecer em Santa Maria da Boca do Monte (RS).

Uma possibilidade para o conhecimento sobre João Maria é a via da oralidade, visto que a rota dos tropeiros servia de ligação e divulgação do personagem e de seus “poderes curativos”.

O monge teria vivido também na região do Campestre (RS), num morro onde construiu uma capela e, próximo dali, havia uma fonte também tida como milagrosa. Segundo Fachel, inúmeras pessoas o procuraram, fato que alarmou as autoridades, resultando sua expulsão do Rio Grande do Sul. Teria sido “preso” na Ilha do Arvoredo, em Santa Catarina, fato sobre o qual não temos maiores informações.

Após esse episódio, teria reaparecido numa gruta no município da Lapa, no Paraná, atraindo igualmente a atenção de centenas de pobres e sofredores que buscavam cura e esperança. Também lá se localizava uma fonte d’água, tida como milagrosa.

Assim como seu surgimento nos mais diferentes lugares, o fim que teve esse peregrino é incerto. As informações sobre o assunto são escassas ou controversas. Para uns teria falecido em São Paulo com mais de cem anos; para outros teria sido assassinado em Lagoa Vermelha (RS), ou ainda estaria encantado no Morro do Taió. As incertezas a respeito de seu desaparecimento contribuem para a construção do mito, ou seja, não havendo clareza sobre sua morte, está aberto o caminho para o surgimento de lendas, profecias, boatos que envolvem sua figura. Seu retorno poderia se dar a qualquer tempo e lugar.

A figura do taumaturgo monge João Maria encontra-se disseminada na cultura religiosa da região sul do Brasil. Seja na sua “presença” junto aos movimentos já citados, seja na divulgação feita pelos tropeiros. Enfim, seu nome é aceito, pois para muitos, João Maria representava a santidade, logo, era imortal. Compreendemos assim sua “existência” em tempos e espaços tão distintos. O “santo monge” pode ser compreendido como o catalisador entre o passado e presente.

No que se refere à permanência do “santo monge” em Soledade, acreditamos que se deva à contribuição do relato oral. Aceitamos que houve a apropriação do nome e das características do monge. Mas entre os fiéis, sua existência é real e verdadeira.

No município, segundo a memória popular, o monge que visitou o fundador da religião dos Barbudos teria sido o mesmo João Maria que peregrinou pelo sul do Brasil. É curioso destacar que, em diversos movimentos que reivindicam a presença do “santo monge”, há fotos semelhantes do personagem. Essas fotografias contribuem para reforçar, divulgar e legitimar a crença na existência de um único João Maria.

Contrariando a idéia da unidade do monge, temos alguns relatos que apresentam versões divergentes sobre a identidade deste personagem, no município de Soledade.

A primeira nos é apresentada por João Maria da Silva. Declara que o monge havia aparecido para seu avô em Santa Maria por ocasião de uma viagem de carreteiros:

Ele (seu avô) já conhecia o monge, dava o nome de São João Maria, Padre Monge e São João Maria de Jesus. Ele se transformava e trocava um pouco o nome. Naquele tempo ele (monge) estava com 180 anos. [...] o monge João Maria se transformava. O senhor podia encontrar ele aqui, e logo ali perguntar para outro se não viu um Monge e receber a resposta: ‘não, encontrei uma criancinha desconhecida’. Logo adiante outro responder: ‘encontrei uma senhora (Kujawa, 2000, p. 50).

Uma segunda possibilidade pode ser encontrada no relatório policial do major da Brigada Militar José da Silva Rodrigues:

Em começo do ano de 1937, o indivíduo de nome André Ferreira França, vulgo Deca, casado, com 56 anos de idade, analfabeto, agricultor e residente no lugar denominado “Campestre”, 6º distrito do município de Soledade, iniciou a pregação e prática de crença Religiosa. André dizia haver recebido ensinamentos de um indivíduo de nome “Antônio de Salles”, que se dizia possuidor de faculdades divinizadas pela prática de atos religiosos. Antônio de Salles, segundo fazia constar Deca, trazia consigo uma pequena caixa e um baixeiro de lã.<sup>6</sup>

Nestas duas exposições, podemos constatar que a identidade do monge é permeada por informações desencontradas. A primeira é a realidade de um crente, em cujo mundo religioso é perfeitamente possível a existência desse santo. No relato policial, a versão que desacredita o movimento, pois tornando o monge uma pessoa comum, nega o próprio movimento, visto ser a figura do peregrino sua base religiosa.

Ciente das limitações, não pretendo esgotar o estudo sobre a identidade desse personagem. Focarei minha reflexão sobre sua aceitação junto à comunidade de Soledade.

As práticas dos monges precisam ser compreendidas no horizonte da religião do povo (Brandão, 1985), na medida em que eles reconhecem e valorizam o modo e as práticas de vida das pessoas do campo. A pedagogia dos monges adentra a cultura dos caboclos e desenvolve as ações e as pregações a partir dessa. Douglas Monteiro expõe a função do monge na autonomia religiosa do povo:

Em contraste com o padre - porta-voz de uma instituição estranha – que, saindo de sua sede paroquial, situada numa vila ou cidade, também percorria o sertão, o monge vivia no sertão. [...] Ao contrário do padre, esses estranhos se deixavam assimilar. Conquanto vivessem uma vida apertada e cultivassem hábitos mais ou menos ascéticos, passavam a fazer parte integrante da vida social sertaneja, como se fossem uma florescência natural da religião católica rústica. Representava o monge, desse modo, um papel equivalente ao do padre, mas estava a serviço e era a expressão da autonomia do mundo religioso rústico (Monteiro, 1974, p. 81).

O monge conquistou sua posição porque legitimava e dava sentido às práticas religiosas, bem como às visões de mundo dos caboclos. Movia-se com destreza junto as suas necessidades, quando havia doença, prescrevia receitas com plantas e ervas conhecidas pela população na lida diária com a terra, bem como orações e ritos que operavam verdadeiros “milagres”. Enfim, o monge, ou melhor, os monges, valorizavam a tradição oral da cultura cabocla, tanto para a transmissão quanto para a sobrevivência dessas narrativas.

A recepção dos ensinamentos do monge passa por essas interpretações das práticas com dimensões simbólicas, como os rituais de batismo e de curas que eram realizadas junto às fontes sagradas. Elas possibilitavam a sacralização do espaço, contribuindo para a permanência do monge.

A figura taumaturga de João Maria está associada à natureza. Destaque para as fontes d’água, que, segundo a crença, foram criadas pelo próprio monge, e teriam poderes de cura, seriam águas milagrosas. Sua presença é mantida viva pela atribuição de caráter sagrado a estes lugares e símbolos. Na obra de Cirilo Verdi, temos o relato de Sebastião Firmino Nunes, morador de Soledade:

Olha, isto aqui é dos tempos mais agudos, isto é, dos tempos mais antigos, quase no início do mundo. Meu avô contava muita coisa. Meu pai, que hoje teria 105 anos, contava que o “padre santo” fez nascer a fonte. [...] O monge parou para descansar. Plantou uma cruz de madeira aí mesmo. Olha, tem ainda o sinal. Aqui os demônios perderam ele. Perderam o rastro, como se diz. Quando sentiu sede, não tendo água, levantou a mão e disse: ‘Esse lugar é abençoado, dará água para mim tomar; o

doente será curado e vai as almas salvar'. Todos que se virem perdidos ou perseguidos se salvam com esta água. Daí estourou a vertente, brotou água pura (Verdi, 1987, p. 205-206).

Sebastião Nunes lembra outro milagre atribuído à fonte sagrada, o caso de dona Elísia Pereira, que sofria de uma doença que cobria o corpo todo de chagas e que estava quase cega, “não havia remédio que a curasse. Um dia sua irmã (de Sebastião) levou a enferma até a fonte. Lá lavou o corpo e o rosto da doente. Ficou limpinha. Viveu muitos anos. Ainda enxergava bem, quando morreu aos 115 anos” (Verdi, 1987, p. 206). Percebemos que as fontes encontram-se no lugar do monge, elas servem para confirmar sua “presença” e seu poder de taumaturgo, o representam em sua ausência. O espaço sagrado torna-se assim uma maneira de expressar o sentimento religioso e serve igualmente para confirmar sua existência.

Os lugares sagrados, para as populações desses sertões, não eram as igrejas materiais, mas a natureza com a qual lidavam dia-a-dia. É da terra que tiravam seu sustento. O monge, ao identificar-se com a natureza, identificou-se com as pessoas que viviam dela. Seus “milagres” possibilitavam realizar e prover as necessidades imediatas dessas populações.

Podemos indicar que a figura do monge e o *corpus* sagrado (rezas, crenças e lugares sagrados) propiciaram reunir uma parcela da comunidade – os Monges Barbudos – dando uma homogeneidade à fé e à religião dos caboclos e, mediante essa união, uma identidade. Para compreendê-los se faz necessário decifrar suas representações do sagrado.

## Os Monges Barbudos através dos relatórios policiais

Realizando uma interpretação a partir de vestígios e indícios, que num primeiro momento podem parecer desconectados ou mesmo secundários, faz-se necessário dedicar-se a uma *re*-leitura das fontes oficiais – os relatórios policiais – a fim de obter algumas informações sobre os monges e suas orientações religiosas, visto não haver nenhum documento “oficial” no qual possamos encontrar a expressão dos próprios participantes do movimento. Sendo assim, o trabalho de recuperar as informações dos monges através das fontes produzidas por aqueles que tiveram o objetivo de combatê-los torna-se necessário e de grande importância.

Construímos uma interpretação que expressa uma logicidade a respeito do ocorrido sob a nomenclatura Monges Barbudos. Para esse fim, nos utilizamos de algumas fontes policiais, produzidas inicialmente com o objetivo de dar ciência sobre os acontecimentos ocorridos durante a operação da Brigada

Militar em Soledade, aos seus superiores de Porto Alegre. Nessas fontes encontramos também descrições referente aos Monges Barbudos, sobre seus hábitos, costumes e ensinamentos. De uso dessas informações, realizamos a análise do tratamento destinado aos membros do movimento com o contexto nacional vigente no período.

Nos interessa aqui a questão semântica, ou seja, os adjetivos e expressões utilizadas para descrever o movimento. Percebemos que se trata de um vocabulário análogo ao utilizado para “qualificar” grupos relacionados ou possivelmente relacionados com as idéias comunistas, muito em voga no Brasil dos anos 30.

Além da aproximação com o comunismo, que delegava aos monges uma posição de divergentes políticos, há também a desqualificação no campo religioso, negando o movimento como uma expressão religiosa, qualificando-os como aberrações e frutos do fanatismo, reforçando estereótipos que os depreciavam.

No primeiro relatório averiguamos alguns dados significativos para a compreensão do uso da força e a idéia da qual estava imbuída a tropa ao se deslocar a Soledade:

Consoante vossa determinação telegráfica (está se reportando ao Comandante Geral da Brigada), fiz sair daqui, na madrugada do dia 19 do corrente (março de 1938), um contingente composto de vinte praças sob o comando do 2º tenente Arlindo Rosa, com destino ao 6º Distrito deste município (Soledade), a fim de reconhecer e dispersar uma reunião de fanáticos que constava existir e que estavam empregando idéias subversivas.<sup>7</sup>

Destacamos dois pontos que chamam a atenção: o primeiro mostra a ciência a respeito da existência do Movimento dos Monges Barbudos antes da data do confronto (ocorrido entre os dias 13 e 17 de abril de 1938), ou seja, a movimentação do grupo já era conhecida pelo comando geral da Brigada Militar, a tal ponto de ter sido enviado para a localidade um agrupamento militar de reconhecimento. No segundo ponto, destacamos o uso das expressões “reunião de fanáticos e idéias subversivas”. Essas definições inúmeras vezes foram atribuídas a grupos de tendências comunistas e/ou divergentes do sistema (seja no campo político ou religioso). Assim temos uma dupla exclusão, ou seja, política, por serem inimigos da nação, possíveis comunistas, e religiosa, um grupo que se desviou da fé verdadeira, um fruto da ignorância.

Podemos, assim, interpretar que a força tarefa da Brigada Militar estava preocupada em conter um possível grupo comunista ou, pelo menos, um grupo contrário ao Estado Novo, visto ser uma região conflituosa e de passado divergente frente às determinações do governo.

Recebendo um enquadramento semelhante aos destinados aos “inimigos” comunistas, temos que o movimento foi identificado como subversivo e gerador de “idéias subversivas”, desta forma se enquadrou também como inimigo nacional, uma ameaça à ordem instaurada, e, como tal, deveria ser combatido.

Corroborando com a idéia que a Brigada Militar buscava encontrar, entre os monges, agentes comunistas, temos:

... no dia 22 de março, foi remetido pelo tenente Arlino, um grupo de oito fanáticos que haviam se apresentado a ele [...]. Interroguei demoradamente cada um deles, verifiquei minuciosamente todos os documentos e demais papéis que possuíam, não tendo encontrado tanto nas declarações como nos papéis nada de importância que indicasse a pregação de idéias exóticas.<sup>8</sup>

Segundo o próprio documento policial, a idéia de serem comunistas não se confirmou, pois nada foi encontrado que a comprovasse, mas isso não foi motivo para que a repressão ao movimento, bem como a negação da sua cultura, não ocorresse.

A explicação apresentada pelo 2º tenente Arlindo Rosa baseia-se numa visão preconceituosa frente aos nacionais que habitavam a região. Segundo o relatório, a condição de serem caboclos favoreceu o florescimento desses comportamentos tidos como *exóticos* e de *idéias subversivas*. Após dez dias de diligência pelo sertão íngreme do sexto distrito, conta-nos o 2º tenente:

Como me é dado a observar, a maior parte do pessoal que habita nos lugares acima mencionados são descendentes do nosso caboclo indolente, pouco gostam de trabalhar, de maneiras que a miséria começou a bater-lhe a porta da casa, então, por meio de uma seita religiosa, tendo como padroeira a Santa Catarina, procuram se reunir e se auxiliar mutuamente. Os mais espertos então começaram a fazer a propaganda da religião, dizendo que quem não pertencesse àquela religião muito em breve morreria e seus bens seriam repartidos com o pessoal da seita, aconselham também andarem desarmados, respeitar as autoridades, apanharem e não brigarem, não beberem, trabalharem pouco, não trabalharem sábados e nem domingo e purificarem o sangue, tomando Caroba, erva de mató e outras.<sup>9</sup>

Além do desprezo frente ao nacional, temos que o presente comentário corrobora para desprestigiar o movimento, desmerecendo sua religião, pois, quando fez uso dos termos “fanáticos” e “seita”, inferioriza-os perante o catolicismo, então religião oficial.

A “divisão dos bens entre os membros da seita” foi mais um ingrediente para a construção da propaganda de serem inimigos da nação, ou seja, serem esses monges comunistas, pois a religião pregaria o fim da propriedade privada, sendo que tudo pertenceria a todos, desde que participantes do movimento.

No final da citação acima mencionada, podemos filtrar algumas informações referentes aos ensinamentos dos Monges Barbudos, e estes dados tornam-se de extrema importância, pois além de nos possibilitar conhecer as instruções pregadas aos membros do movimento, são informações oriundas da versão oficial, não são a voz dos monges, mas sim daqueles que os combateram, é a *re*-leitura da fonte oficial.

A religião dos Monges aconselhava a andarem desarmados, o que era significativo numa região violenta e conflitante como Soledade e arredores. O respeito às autoridades também era defendido. Solicitava não abusarem de bebida alcoólica, não brigarem, fatos que deveriam ser corriqueiros, pois, do contrário, não haveria a necessidade de serem condenados.

Com esses indícios, fica difícil aceitar a idéia de que o movimento fosse um grupo violento e fomentador de agitações sociais que viesse a oferecer alguma ameaça à ordem vigente.

Nos documentos temos ainda informações sobre a imigração em Soledade, que demonstram que a cultura dos monges, dos caboclos que participam do movimento, não foi compreendida. Acreditamos que houve um choque cultural, que atingiu também o religioso, vejamos:

Os colonos de origem estrangeira e os que não querem fazer parte da religião e que habitam aquelas paragens, vendo a união dos monges, como são conhecidos, e crescerem dia-a-dia os adeptos, estão ficando alarmados e começam a fazer os mais descontraídos comentários. Conforme estou informado, os fanáticos se reúnem sábados e domingos nas igrejas a rezarem, completamente desarmados e depois dispersam-se e cada um vai para a suas casas.<sup>10</sup>

O Brasil dos anos 30 era regido por um projeto que se apoiava na promessa do progresso e da modernidade, percebemos no relato o confronto entre o arcaico e o moderno. Isso quer dizer que o nacional foi visto como expressão de “atraso”, pois reiteradas vezes os Monges Barbudos foram tidos como “fanáticos”, e sua religião qualificada como “seita”. Ao longo da história dos movimentos messiânicos no Brasil percebemos estas expressões associadas com atraso, ao ultrapassado, acontecimentos de grupos ignorantes e incultos, enfim, foram apresentados como grupos incapazes de terem cultura. O mesmo aconteceu com os Monges Barbudos, os quais receberam essa tradição depreciativa.



Justamente contra esse arcaico se ergue o “Brasil moderno” na luta para excluí-los de sua convivência, divulgando a idéia de que o trabalho enobreceria o homem e modernizaria o país. Neste contexto compreendemos o significado das palavras que declararam que os “nacionais não são dados ao trabalho, é o nosso caboclo indolente”.

Os estrangeiros foram tidos como semeadores da modernidade. Os europeus trabalhavam e praticavam religiões “normais”. O caboclo, por sua vez, assumiu a figura da mistura, da “raça inferior”, na qual o messianismo encontrou solo fértil, sendo fruto da ignorância ou da “esperteza de alguns”, chegando ao extremo de se tornarem “fanáticos”, oferecendo riscos à ordem vigente.

Percebemos, assim, a negação de uma cultura própria, a qual não encontrou espaço num projeto político que almejava justamente imprimir uma nova expressão cultural ao país.

Temos ainda a menção de que os Monges não portavam armas, apenas se reuniam nos fins de semana nas igrejas para realizarem suas orações e liturgias. O fato extraordinário era justamente a religião dos Monges Barbudos, por ser uma expressão religiosa independente, de certo modo, e por agregar rituais e crenças próprias de sua cultura.

No final do relatório, a conclusão do tenente Januário sobre a origem dos monges é de incerteza: “Sr. Coronel, apesar de não ter encontrado, não posso negar ou afirmar a inexistência de algum núcleo disfarçado, para inocular, aos poucos, idéias exóticas aos moradores da referida região”.<sup>11</sup> Mesmo após não ter encontrado nada que relacionasse os Barbudos com o comunismo, ocorreu a instauração da ordem, a repressão.

### **Algumas considerações finais**

Com o estudo dos Monges Barbudos, podemos ter clareza de que os movimentos messiânicos brasileiros não são apêndices da História do Brasil, mas encontram-se inseridos na mesma, sendo parte constituinte. É urgente e necessário mudarmos a visão rudimentar que ainda impera sobre estes movimentos sociais. Faz-se necessário tratá-los como fatos históricos. Silenciá-los, não dedicando a eles estudos e pesquisas, é o mesmo que corroborar com a versão que declara serem os movimentos messiânicos frutos da mais pura ignorância e um grupo de pessoas incapazes de possuírem cultura.

O caso dos Monges Barbudos de Soledade é um exemplo claro do valor e da contribuição que o estudo do messianismo pode oferecer à História. Numa análise da conjuntura brasileira da década de 30, evidenciamos os efeitos do contexto nacional sofridos pelo movimento. Num olhar que visa buscar a

compreensão da cultura cabocla, o movimento oferece uma valiosa colaboração, sendo um objeto farto para tal estudo. Sem falarmos no estudo do próprio messianismo no país.

Utilizando as contribuições da nova história cultural, o Movimento dos Monges Barbudos desabrocha frente às múltiplas possibilidades que surgem para estudá-lo. Um ponto de grande relevância é o estudo das representações. Estas facilitam o adentrar no interior do movimento religioso, de seu mundo e de suas visões de mundo. As representações do sagrado não podem ser percebidas como ilusões ou erros, mas como partes constituintes da religião dos Barbudos. São elas que dão condições para compreender o mundo que os rodeia e que se encontra em transformação, seja social, política, econômica ou cultural.

Podemos averiguar que os Monges Barbudos foram uma forma de resistência ao mundo que não mais compreendiam devido às mudanças que estavam ocorrendo. Buscaram na religião uma identidade que os unificasse e ao mesmo tempo lhes possibilitasse compreender esta nova realidade.

Ao serem acusados de comunistas ficou evidenciada a influência do contexto nacional sobre a sua história. Ao serem percebidos como inimigos, negaram-lhes o direito a expressarem sua cultura própria. Assim sendo, o estudo da religião é ponto fundamental para compreendê-los melhor.

Sua independência religiosa não se enquadrava nos modelos desejados pelo projeto modernizador imposto ao país nos anos 30. Neste período, ser brasileiro era ser católico e contrário às idéias comunistas, bem como um trabalhador, pois somente assim o país trilharia o caminho do progresso dentro da ordem. Desta forma, os Monges Barbudos não encontraram apoio, pelo contrário, foram reprimidos com a utilização de força e de violência descabida.

Percebemos com o caso dos Monges Barbudos o cruzamento que pode existir entre religião e política, e como tal ocorrência pode ser complexa e delicada, necessitando um olhar mais cauteloso. Percebemos igualmente que seus efeitos e resultados não podem ser estudados separadamente, pois do contrário não compreenderíamos o sagrado, tornando-se herético, ou seja, não compreenderíamos como o Movimento dos Monges Barbudos tornou-se uma ameaça à ordem política.

## Referências bibliográficas

---

- BOIA, Lucian. *Pour une histoire de l'imaginaire*. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BOURSEILLER, Christophe. *Los falsos mesías: história de una espera*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do sagrado: Estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *João Maria: interpretação da campanha do Contestado*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- CAPELATO, Maria Helena. *O movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bretand, 1990.
- DUTRA, Eliana. *O ardil totalitário: Imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: ED. UFRJ; Ed. UFMG, 1997.
- FACHEL, José Fraga. *Monge João Maria, a recusa dos excluídos*. Porto Alegre; Florianópolis: Ed. UFSC; Ed. UFRGS, 1995.
- FERRI, Genuino Antônio. *Os Monges de Pinheirinho*. Encantado: Gráfica Encantado, 1975.
- FILATOW, Fabian. *Do sagrado à heresia: o caso dos Monges Barbudos (1935-1938)*. Porto Alegre: UFRGS, 2002 (Dissertação de Mestrado).
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Soledade na História*. Porto Alegre: Corag, 1975.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ISAIA, Artur Cesar. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- JOUTARD, Philippe. "Un projet régional de recherche sur les etnotextes." *Annales ESC*, v. 35, n. 1, p. 176-182, 1980.
- KUJAWA, Henrique Aniceto. *O Movimento dos Monges Barbudos*. Passo Fundo: UPF, 2000. (Dissertação de Mestrado em História).
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- OLIVEN, Ruben G. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- PAULA, Jeziel de. *1932: Imagens Construindo a História*. Campinas/Piracicaba: Ed. da Unicamp/Ed. Unimep, 1998.
- PAULA, Jorge Augusto de. *O Fão: um episódio da revolução de 1932 no Rio Grande do Sul*. 2ª ed. Passo Fundo: Ed. Serrador, 1972.
- PEREIRA, André e WAGNER, Carlos Alberto. *Monges barbudo e o massacre do fundão*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981. (Documenta, 9).
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Messias, taumaturgos e dualidade católica no Brasil." *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 83-92, nov. 1983.
- SANTOS, Lucila M. Sgarbi; VIANNA, Maria L. Costa; BARROSO, Véra L. Maciel (Orgs.). *Bom Jesus e o tropeirismo no Brasil Meridional*. Porto Alegre: EST, 1995.

SILVA, Carla Luciana. *Onda Vermelha: imaginário anticomunistas brasileiros* (1931-1934). Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

VERDI, Valdemar Cirilo. *Soledade, das sesmarias, dos Monges Barbudos, das pedras preciosas*. Não-Me-Toque: Gesa, 1987.

ZIMMERMANN, Florisbela Carneiro; ZIMMERMANN Neto, Adolfo. *Biribas: A contribuição do tropeiro à formação histórico-cultural do planalto médio sul-rio-grandense*. Sorocaba: Fundação Ubaldino do Amaral, 1991.

## Notas

---

<sup>1</sup> Cf. ISAIA, Artur Cesar. *Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998. Nesta obra, o autor analisa as relações entre a Igreja Católica (principalmente a gaúcha e seu mais destacado chefe, D. João Becker) e o Estado. O discurso religioso era referente à necessidade da aproximação entre a Igreja e o projeto nacional de Vargas, pois o catolicismo salvaria a nação. Apresenta igualmente o pensamento da hierarquia católica gaúcha frente à campanha da constituição de 1934, na qual defendia o ensino e o matrimônio religioso, DUTRA, Elina. *O ardil totalitário: Imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: ED. UFRJ; Ed. UFMG, 1997. Nesta obra, a autora expõe a ameaça que habita o imaginário político do país nos anos 30. O “causador” dessa ameaça é o comunismo, agente da ideologia estrangeira, que tenta subverter a ordem e fragmentar a nação.

<sup>2</sup> CAPELATO, Maria Helena. *O movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981 e PAULA, Jeziel de. *1932: Imagens construindo a história*. Campinas/Piracicaba: Ed. da Unicamp/Ed. Unimep, 1998. A primeira obra tem por finalidade oferecer uma abordagem geral sobre o tema. A segunda, destaca-se por oferecer dados referente à campanha constitucionalista fora de São Paulo.

<sup>3</sup> Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Soledade, Soledade – RS, livro n. 2, ano: 1934-1965.

<sup>4</sup> Relatório apresentado ao Sr. Comandante Geral da Brigada Militar pelo major José Rodrigues da Silva – Porto Alegre, 12 de julho de 1938.

<sup>5</sup> Na bibliografia referente às santas, aparece sempre o nome de Andreza Gonçalves como sendo a jovem que seria tida como a Santa Catarina. Somente neste relatório policial é que temos o nome de Maria Candida Ferreira de Camargo, sobre a qual não temos maiores informações.

<sup>6</sup> Major da Brigada Militar José da Silva Rodrigues, Relatório da Brigada Militar ao interventor do Estado, 1938.

<sup>7</sup> Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, Destacamento do 3º Regimento de Cavalaria. Relatório enviado ao Sr. Comandante Geral da Brigada Militar. Soledade, 30 de março de 1938, assinado pelo 1º Tenente Comandante do Destacamento Januário Dutra, p. 1.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> Ibid., p. 2 e 3.

<sup>10</sup> Ibid., p. 3.

<sup>11</sup> Ibid., p. 3.



